

O olho sem pálpebra

Philarète Chasles

("L'oeil sans paupière", 1832)

Apresentação de Italo Calvino: Os autores pouco célebres de contos fantásticos são certamente mais numerosos que os nomes de fama. É justo que a nossa antologia dê lugar a pelo menos um deles. Philarète Chasles (1799-1873), francês, filho de um membro da Convenção que havia votado pela condenação de Luís XVI à morte, teve de fugir da França bem jovem, quando sobreveio a Restauração. Viveu na Inglaterra e na Alemanha, antes de retornar à França em 1823. Professor de literaturas estrangeiras no Collège de France, conservador da Bibliothèque Mazarin, pertence à família dos escritores bibliotecários, como antes dele Nodier e, depois, Schwob e Borges.

"O olho sem pálpebra", publicado na antologia anônima Contes bruns (1832), em que também colaborou Balzac, é um conto de ambiente escocês sobre as crenças populares dos duendes e das fadas, representadas com adesão ao espírito pânico e pagão, mas também com uma condescendência ao anátema cristão que as associa aos cultos diabólicos. E a época da descoberta romântica do folclore e da moda escocesa dos romances de Walter Scott. Mas não é apenas pela documentação folclórica que este conto merece ser lembrado hoje. A imagem dominante é um perturbador pesadelo psicológico: um olho escancarado que está sempre às costas de um homem, sem nunca o perder de vista. Posto que esse homem havia causado a morte da mulher por ciúme, o olho sem pálpebra que o persegue constitui uma espécie de contrapasso.

O final transporta-nos para além do oceano, entre os pioneiros do Ohio e os peles-vermelhas. Mas é claro que as barreiras geográficas não contam para os duendes escoceses.

Hallowe'en, Hallowe'en!", gritavam todos, "esta é a noite santa, a bela noite dos *skelpies*¹ e dos *fairies*² Carrick! E você, Colean, vem? Todos os camponeses de Carrick-Border³ estão lá, as nossas Megs e nossas Jeannies também irão. Levaremos bom whisky nos cantis de estanho, cerveja espumante, o *parritch*⁴ saboroso. O tempo está bonito; a lua deve brilhar; companheiros, as ruínas de Cassilis-Downans jamais terão visto assembleia mais alegre!"

Assim falava Jock Muirland, fazendeiro, viúvo e ainda moço. Como a maioria dos

1 Skelpies: demónios das águas.

2 Fairies: fadas.

3 Carrick-Borâer: nome de um cantão.

4 Parritch: pudim da Escócia.

camponeses da Escócia, era teólogo, meio poeta, grande bebedor, mas muito económico.

Murdock, Will Lapraik, Tom Duckat estavam ao seu redor. A conversa passava-se perto da aldeia de Cassilis.

Talvez vocês não saibam o que é o Hallowe'en: é a noite das fadas; acontece em meados de Agosto. Então se vai consultar o feiticeiro da aldeia; então todos os duendes dançam nas samambaias, cruzam os campos a cavalo, em cima dos pálidos raios da lua. É o Carnaval dos génios e dos gnomos. Então não há gruta nem rochedo que não tenha o seu baile e a sua festa, não há flor que não estremeça ao sopro de uma sílfide, não há dona-de-casa que não feche cuidadosamente sua porta, com medo de que o *spunkie*⁵ roube o almoço do dia seguinte e sacrifique às suas diabruras a refeição das crianças que dormem abraçadas no mesmo berço.

Assim era a noite solene, misto de capricho fantástico e de um secreto terror, que ia se comemorar nas colinas de Cassilis. Imaginem um terreno montanhoso, que ondula como o mar, e cujas inúmeras colinas são atapetadas por um musgo verde e brilhante; ao longe, no alto de um pico escarpado, os muros serrilhados de um castelo destruído, cuja capela, privada do seu telhado, conservou-se quase intacta e faz brotar no puro éter as suas pilastras finas, esbeltas como galhos no inverno, despojados da sua folhagem. Nesse cantão a terra é estéril. A giesteira dourada serve de refúgio para a lebre; a rocha aparece nua de quando em quando. O homem, que só reconhece um poder supremo na desolação e no terror, olha para esses terrenos estéreis como marcados pela própria chancela da Divindade. A imensa e fecunda benevolência do Altíssimo inspira-nos pouca gratidão: é o seu castigo e o seu rigor que nós adoramos.

Portanto, os *spunkies* dançavam na relva miúda de Cassilis, e a lua, que se levantara, parecia larga e vermelha através dos vidros quebrados do grande pórtico da capela. Parecia suspensa como uma grande rosácea cor de amaranto, sobre a qual se desenhava um fragmento de trevo de pedra mutilado. Os *spunkies* dançavam. O *spunkie*! É uma cabeça de mulher, branca como a neve, com longos cabelos cor de fogo. As belas asas, drapeados sustentados por fibras finas e elásticas, prendem-se não no ombro, mas no braço branco e fino cujo contorno elas seguem. O *spunkie* é hermafrodita; a um rosto feminino junta essa elegância esbelta e frágil da primeira adolescência viril. A única vestimenta do *spunkie* são as suas asas, um tecido fino e macio, folgado e apertado, impenetrável e leve, como a asa do morcego. Um tom amarronzado, fundido num púrpura azulado, reluz sobre esse vestido natural que forma pregas em torno do *spunkie* em repouso, tal como as pregas do estandarte em torno do mastro que o porta. Longos filamentos, que lembram o aço polido, sustentam esses véus compridos com que o *spunkie* se enrola; as suas garras de aço armam as extremidades. Ai da dona-de-casa que se aventurar de noite perto do pântano onde o *spunkie* se aninha, ou na floresta que ele percorre!

5 Spunkie: trasgo, duende.

A ronda dos *spunkies* iniciava-se nas margens do Doon quando o grupo alegre, mulheres, crianças, moças, se aproximou. Os duendes logo desapareceram. Todas aquelas grandes asas, abrindo-se ao mesmo tempo, escureceram o ar. Parecia uma nuvem de pássaros que, de repente, levantasse voo do meio dos juncos farfalhantes. A claridade da lua turvou-se por um instante; Muirland e os seus companheiros pararam.

"Estou com medo!", exclamou uma moça.

"Ora!", recomeçou o fazendeiro, "são os patos selvagens levantando voo!"

"Muirland", disse-lhe o jovem Colean com ar de reprimenda, "você vai acabar mal; não acredita em nada."

"Vamos queimar as nossas nozes, quebrar as nossas avelãs", Muirland retrucou, sem ligar para a reprimenda de seu amigo. "Sentemo-nos aqui e esvaziemos as nossas cestas. Este é um belo pequeno abrigo; a rocha cobre-nos; a relva oferece-nos um leito macio. O grande diabo não me perturbaria nas minhas meditações, que vão sair destas jarras e garrafas."

"Mas os *boggillies*⁶ e os *brownillies*⁷ podem nos encontrar aqui", disse timidamente uma moça.

"O *cranreuch*⁸ leva-os embora!", Muirland interrompeu. "Depressa, Lapraik, acenda aqui, perto da pedra, uma fogueira de folhas mortas e galhos; aqueceremos o whisky; e se as moças querem saber que marido Deus ou o diabo lhes reserva, temos aqui como satisfazê-las. Bome Lesley trouxe espelhos, avelãs, linhaça, pratos e manteiga. *Lasses*⁹, não é disso que se precisa para as vossas cerimónias?"

"É, é", responderam as moças.

"Mas primeiro vamos beber", recomeçou o fazendeiro, que, por seu temperamento dominador, sua fortuna, seu celeiro bem abastecido de trigo e seus conhecimentos agrícolas, conquistara certa autoridade no cantão.

Ora, meus amigos, vocês sabem que de todos os países do mundo, aquele onde as classes inferiores têm mais instrução e ao mesmo tempo mais superstições é a Escócia. Perguntem a Walter Scott, esse sublime camponês escocês, que deve a sua grandeza apenas a essa faculdade recebida de Deus para representar simbolicamente todo o génio nacional. Na Escócia acredita-se em todos os gnomos, e discute-se nas cabanas temas de abstracta filosofia.

A noite do Hallowe'en é especialmente dedicada à superstição. Eles então reúnem-se para penetrar no futuro. Os ritos necessários para se obter esse resultado são conhecidos e invioláveis. Não há religião mais estrita nas suas observâncias. Era sobretudo essa cerimonia cheia de interesse,

6 Boggillies: espíritos dos bosques.

7 Brownillies: espíritos das samambaias.

8 Cranreuch: vento do Norte.

9 Lasses: as moças.

em que cada um é ao mesmo tempo sacerdote e feiticeiro, que os moradores de Cassilis consideravam o objectivo da excursão e a distração da noite. Essa magia rústica tem um encanto inexprimível. Ela pára, por assim dizer, no ponto limítrofe entre a poesia e a realidade; todos se comunicam com as forças infernais, sem renegar totalmente Deus; transformam em objectos sacros e mágicos os objectos mais vulgares; criam com uma espiga de trigo e uma folha de salgueiro esperanças e horrores.

Reza o costume que só se iniciem as encantações do Hallowe'en à meia-noite em ponto, hora em que toda a atmosfera é invadida pelos seres sobre-humanos, e em que não só os *spunkies*, primeiros actores do drama, mas todos os batalhões da magia escocesa vêm se apossar dos seus domínios.

Nossos camponeses, reunidos às nove horas, passaram o tempo a beber, a cantar aquelas velhas e deliciosas baladas em que a linguagem deles, melancólica e ingénua, se conjuga tão bem com o ritmo sincopado, com a melodia que desce de quarta em quarta por estranhos intervalos, com o emprego singular do género cromático. As moças, com os seus xailes coloridos e os seus vestidos de sarja, de uma admirável limpeza; as mulheres, com o sorriso nos lábios; as crianças, exibindo essa bela fita vermelha amarrada no joelho, que serve de liga e de enfeite; os jovens cujo coração batia mais depressa ao se aproximar o momento misterioso em que o destino ia ser consultado; um ou dois velhos que a saborosa cerveja devolvia à alegria dos seus verdes anos formavam um grupo de grande interesse, que Wilkie gostaria de pintar, e que na Europa teria regalado todas as almas ainda acessíveis, entre tantas emoções febris, às delícias de um sentimento verdadeiro e profundo. Muirland, em especial, dedicava-se inteiramente à alegria ruidosa que borbulhava junto com a espuma grossa da cerveja e se comunicava a todos os presentes. Era um desses temperamentos que a vida não domestica, um desses homens de inteligência vigorosa que lutam contra o vento e a tempestade. Uma moça do cantão, que unira o seu destino ao de Muirland, tinha morrido de parto depois de dois anos de casamento, e Muirland havia jurado nunca mais se casar. Na vizinhança ninguém ignorava a causa da morte de Tuilzie: era o ciúme de Muirland. Tuilzie, uma menina delicada, tinha apenas dezesseis anos quando se casou com o fazendeiro. Amava-o e não conhecia a violência dessa alma, a fúria capaz de excitá-la, o tormento quotidiano que podia infligir a si mesmo e aos outros. Jock Muirland era ciumento; a ternura ingénua da sua jovem companheira não o deixava sossegado. Um dia, em pleno inverno, mandou-a fazer uma viagem a Edimburgo, para arrancá-la das pretensas seduções de um jovem *laird*¹⁰ que tivera a fantasia de passar o inverno no campo. Todos os amigos do fazendeiro, e até o pároco, não lhe pouparam as advertências; ele nada respondia, apenas que amava ardorosamente Tuilzie e que era o melhor juiz sobre o que podia contribuir para a felicidade de seu lar. Sob o tecto rústico de Jock, não raro havia gemidos, gritos,

10 Laird: proprietário de terras.

soluções que ecoavam lá fora; o irmão de Tuilzie fora comunicar ao cunhado que o seu comportamento era indesculpável; uma briga violenta seguiu-se a essa providência; a jovem ia definhando, dia a dia. Finalmente a tristeza que a consumia levou-a.

Muirland caiu num profundo desespero, que durou vários anos; jurara que permaneceria viúvo, mas como neste mundo tudo é passageiro, foi aos poucos apagando a lembrança daquela de quem tinha sido o carrasco involuntário. As mulheres, que durante muitos anos o viram com horror, finalmente o perdoaram; e a noite do Hallowe'en o encontrava tal como era no passado, alegre, cáustico, divertido, bebendo muito e fecundo em excelentes histórias, em brincadeiras rústicas, em estribilhos barulhentos, que animavam a reunião nocturna e entretinham o seu bom humor.

Já havia se esgotado a maioria das velhas romanças históricas quando soaram as doze badaladas da meia-noite e propagou-se ao longe o eco das suas vibrações. Eles tinham bebido à farta. Eis que chega o momento das superstições de praxe. Todos, menos Muirland, se levantaram.

"Procuremos o *kail*, procuremos o *kail*!", exclamaram... Rapazes e moças espalharam-se pelos campos e voltaram pouco a pouco, cada um trazendo uma raiz arrancada da terra: era o *kail*. É preciso desenraizar a primeira planta que se apresenta sob os seus passos; se a raiz é recta, a sua mulher ou o seu marido serão elegantes e afáveis; se a raiz é torta, você se casará com uma pessoa disforme. Se ainda há terra presa nos filamentos, o seu lar será fecundo e feliz; se a sua raiz for lisa e mirrada, você não ficará muito tempo casado.¹¹ Imaginem as gargalhadas, o tumulto alegre e as brincadeiras a que, nas aldeias, essa pesquisa conjugal dava lugar; todos se empurravam, se apertavam; comparavam os resultados de sua investigação; até as crianças pequenas tinham o seu *kail*.

"Pobre Will Haverel!", exclamou Muirland dando uma olhada na raiz que um rapazinho segurava, "a sua mulher será torta; o seu *kail* parece o rabo do meu porco."

Depois sentaram-se em roda e começaram a experimentar o sabor de cada raiz; raiz amarga é sinal de um marido mau; raiz adocicada, um marido imbecil; raiz perfumada, um esposo de bom humor. A essa grande cerimónia seguiu-se a do *tap-pickle*. De olhos vendados, cada moça vai colher três espigas de trigo. Se nalguma faltar o grão que coroa a espiga, ninguém duvida de que o futuro marido da aldeã terá de lhe perdoar uma fraqueza cometida antes da noite nupcial.

"Oh, Nelly! Nelly! As suas três espigas estavam todas sem o *tap-pickle*, e você não vai escapar das nossas caçoadas. E a verdade é que ainda ontem o *fause-house*, ou celeiro de reserva, foi testemunha de uma conversa bem longa entre você e Robert Luath."

Muirland observava-os sem se envolver activamente nos seus jogos. "As avelãs! As avelãs!", exclamaram.

Tiraram da cesta um saco cheio de avelãs e aproximaram-se do fogo, que era

11 Estes costumes ainda são populares na Escócia.

permanentemente alimentado. A lua brilhava, pura e quase radiosa. Cada um pegou a sua avelã. Esse feitiço é famoso e venerado. Formam-se casais; o homem dá à avelã escolhida o seu próprio nome, e coloca no fogo, ao mesmo tempo, a sua avelã e aquela baptizada com o nome da sua namorada. Se as duas avelãs queimarem tranquilamente lado a lado, a união será longa e serena; se as avelãs estourarem e se afastarem ao queimar, discórdia e separação no casamento. Não raro é a moça que se encarrega de arrumar no fogo o duplo símbolo ao qual toda a sua alma está unida; e qual não é a sua tristeza quando esse divórcio acontece e o marido lança-se crepitando para longe dela!

Batia uma hora, e os camponeses não estavam cansados de consultar os seus oráculos místicos. O terror e a fé que se mesclavam nesses feitiços conferiam-lhes um novo encanto. Os *spunkies* recomeçavam a mexer-se no meio dos juncos agitados. As moças tremiam. A lua, agora alta no céu, estava coberta por uma nuvem. Fizeram a cerimónia do pote de terra, a da vela soprada, a da maçã, grandes conjurações que não revelarei. Willie Maillie, uma das mais lindas moças, mergulhou três vezes o braço na água do Doon, exclamando: "Meu futuro esposo, meu marido que ainda não o é, onde estás? Aqui tens a minha mão". Três vezes o feitiço fora repetido quando se ouviu a moça dar um grito.

"Ai! meu Deus! O *spunkie* agarrou a minha mão", exclamou. Todos se juntaram ao seu redor e estremeçeram, excepto Muirland. Maillie mostrou sua mão toda ensanguentada; os juízes dos dois sexos, que graças à longa experiência, eram hábeis na interpretação desses oráculos, concordaram sem hesitar que o arranhão não era causado, como pretendia Muirland, pelas pontas de um junco espinhoso, e que o braço da moça apresentava de fato a marca da garra afiada do *spunkie*... Também reconheceram unanimemente que, por causa dessa experiência, Maillie estava ameaçada de ter mais tarde um marido ciumento. O fazendeiro viúvo tinha bebido, creio, um pouco mais que o razoável.

"Ciumento! Ciumento!", exclamou.

Parecia ver nessa declaração dos seus companheiros uma alusão maldosa à sua própria história.

"Eu", Muirland continuou, esvaziando um cantil de estanho cheio de whisky até a borda, "preferiria cem vezes casar-me com o *spunkie* a casar-me uma segunda vez. Soube o que é viver acorrentado; mais vale ficar aprisionado dentro de uma garrafa fechada hermeticamente, na companhia de um macaco, um gato ou um carrasco. Tive ciúme da minha pobre Tuilzie. Talvez estivesse errado, mas como, pergunto a vocês, não ser ciumento? Qual é a mulher que não exige uma vigilância contínua?

Eu não dormia à noite, não a largava durante o dia inteiro; não pregava o olho nem um instante. Os negócios da minha fazenda iam mal; estava tudo a morrer. A própria Tuilzie definhava diante dos meus olhos. Vá para cinco milhões de diabos o casamento!

Uns riram, outros, escandalizados, calaram-se. Restava testar a última e mais temível encantação: a cerimônia do espelho. Com uma vela na mão, cada um se coloca na frente de um espelinho; sopra três vezes no vidro e enxuga-o repetindo três vezes: "Apareça, meu marido", ou: "Apareça, minha mulher!". Então, em cima do ombro de quem consulta o destino, mostra-se claramente uma figura que se reflecte no espelho; é a da companheira ou a do marido invocados. Depois do exemplo de Maillie, ninguém se atrevia a desafiar de novo as forças sobrenaturais. O espelho e a vela estavam lá sem que ninguém pensasse em usá-los. O Doon fremia entre os juncos. O seu longo rasto prateado, trémulo sobre as ondas distantes, era, aos olhos dos aldeões, o rasto faiscante dos *skelpies* ou espíritos das águas; a jumenta de Muirland, a sua pequena jumenta das Highlands, de rabo preto e peito branco, zurrava a plenos pulmões, o que é sempre sinal de que um espírito mau está por perto. O vento refrescava, as varas dos juncos balançando formavam um triste e longo murmúrio. Todas as mulheres começavam a falar em volta; tinham excelentes razões, como reprimendas aos seus maridos e seus irmãos, conselhos de saúde para os pais, em suma, a eloquência doméstica à qual, infelizmente!, nós, reis da natureza e do mundo, só raramente resistimos.

"Pois bem! Quem de vocês se apresentará diante do espelho?", exclamou Muirland. Ninguém respondeu...

"Vocês têm bem pouca coragem", continuou. "O sopro do vento deixa-vos a tremer como varas verdes. Quanto a mim, que não quero mais saber de esposa, como sabem, porque quero dormir, e que as minhas pálpebras se negam a fechar tão logo me transformo em marido, para mim é impossível começar o feitiço. Vocês sabem disso tanto quanto eu."

Por fim, como ninguém quisesse segurar o espelho, Jock Muirland pegou nele. "Vou dar o exemplo." Então agarrou sem titubear o espelho fatal; acenderam a vela e ele repetiu bravamente a encantação:

"Mas apareça, minha mulher", exclamou Muirland.

Logo uma figura pálida, coberta de cabelos de um louro fulvo, mostrou-se no ombro de Muirland. Ele estremeceu, virou-se para ter certeza de que uma das moças do cantão não estava atrás dele imitando a aparição. Mas ninguém havia parodiado o espectro; e embora o espelho se tivesse quebrado na terra ao escapar da mão do fazendeiro, sobre o seu ombro a mesma cabeça branca e a cabeleira de fogo continuavam presentes: Muirland dá um grito violento e cai de cara no chão. Se vocês vissem todos os moradores da aldeia fugindo aqui e acolá, como folhas levadas pelo vento! Naquele lugar onde, pouco antes, tinham se entregado às suas diversões rústicas, só sobraram os restos da festa, o fogo quase apagado, os cantis e as bilhas vazias, e Muirland deitado na relva. Uma profusão de *spunkies* e seus acólitos voltavam, e a tempestade que se armava no céu misturava-se ao canto sobrenatural deles, aquele assobio longo que os escoceses chamam tão

pitorescamente de *sugh*. Muirland, ao se levantar, olhou de novo acima do ombro: sempre a mesma figura. Ela sorria para o camponês, mas não dizia uma palavra, e Muirland não conseguia adivinhar se aquela cabeça pertencia a um corpo humano, pois só se mostrava quando ele se virava.

A sua língua gelava e permanecia colada no céu da boca. Tentou puxar conversa com o ser infernal e convocou em vão toda a sua coragem; mal percebia aqueles traços pálidos e os cachos cor de fogo, todo o seu corpo estremecia. Resolveu fugir, na esperança de se livrar do seu acólito. Tinha soltado a sua pequena jumenta branca e ia pôr o pé no estribo quando fez uma última tentativa. Terror! sempre aquela cabeça, agora sua companheira inseparável. Estava presa ao seu ombro, como aquelas cabeças isoladas cujo perfil de vez em quando os escultores góticos jogavam no alto de uma pilastra ou no canto de um entablamento. A pobre Meg, jumenta do fazendeiro, zurrava com uma força incrível; e com os coices frequentes anunciava o mesmo terror sentido por seu pobre dono. O *spunkie* (devia ser um desses habitantes dos juncos do Doon que perseguia o fazendeiro), toda vez que Muirland se virava, fixava nele dois olhos flamejantes, de um azul profundo, nos quais nenhum cílio desenhava sua sombra, e nenhuma pálpebra turvava a insuportável claridade. Ele esporeou a burrica; a mesma curiosidade o impelia a saber se a sua perseguidora estava ali; ela não o deixava; em vão ele lançava a jumenta a galope, em vão as samambaias e as montanhas desapareciam e fugiam sob os passos do animal, Muirland já não sabia em que caminho estava e nem para onde ia sendo levado pela pobre Meg. Só tinha uma ideia na cabeça, o *spunkie*, seu companheiro de viagem, ou melhor, sua companheira, pois essa figura feminina tinha toda a malícia e toda a delicadeza que convêm a uma jovem de dezoito anos. A abóbada celeste cobria-se de nuvens densas que o sufocavam pouco a pouco. Nunca o pobre pecador se vira sozinho no meio do campo num breu tão satânico. O vento soprava como se quisesse despertar os mortos; a chuva caía, levada na diagonal pela violência da tempestade. Os clarões rápidos dos raios desapareciam, devorados pelas nuvens tenebrosas que se fechavam sobre eles: mugidos longos, profundos e pesados saíam das nuvens. Pobre Muirland!, seu boné escocês azul, listado de vermelho, caiu e ele não se atreveu a virar-se para apanhá-lo.

A tempestade redobrava de fúria; o Doon transbordava as suas margens; e Muirland, depois de ter galopado por uma hora, reconheceu dolorosamente que voltara ao mesmo lugar de onde partira. A igreja em ruínas de Cassilis estava diante dos seus olhos; parecia que um incêndio iluminava os restos das suas velhas pilastras; chamas jorravam de todas as aberturas quebradas; as esculturas apareciam em toda a sua delicadeza contra um fundo de claridades lúgubres: Meg negava-se a avançar, mas o fazendeiro, cuja razão já não guiava os seus passos, e que tinha a impressão de sentir aquela cabeça terrível apoiada no seu ombro, cravava tão vigorosamente a espora nos flancos do pobre animal que ele pulou para a frente, cedendo, sem querer, à violência que o seu dono lhe impunha.

"Jock", disse uma voz suave, "case comigo, e deixará de ter medo." Vocês imaginam o horror profundo do pobre Muirland. "Case comigo", repetiu o *spunkie*. Enquanto isso, eles fugiam para a catedral em chamas. Muirland, sendo detido em sua corrida pelas pilastras mutiladas e os santos de pedra derrubados, pôs os pés no chão; naquela noite havia bebido tanto vinho, cerveja e aguardente, galopado tão estranhamente, sentido tanta surpresa, que acabou se acostumando com aquela excitação sobrenatural: o nosso fazendeiro entrou com passo firme na nave sem abóbada de onde vinham aqueles fogos infernais.

O espetáculo que o impressionou era novo para ele. Uma personagem agachada no meio da nave sustentava, sobre as costas curvas, um vaso octogonal em que ardia uma chama verde e vermelha. O altar-mor estava arrumado com os seus velhos paramentos católicos. Demónios de cabeleira de fogo arrepiada estavam em pé no altar e faziam as vezes de círios. Todas as formas grotescas e infernais que a imaginação do pintor e do poeta sonharam se amontoavam, corriam, contorciam-se de mil estranhas maneiras. As estalas dos cônegos estavam cheias de personagens graves que haviam conservado as roupas apropriadas à sua condição. Mas sobre as suas murças havia mãos de esqueletos desenhadas, e dos seus olhos cavos não vinha nenhuma claridade.

Não direi, pois a linguagem humana é incapaz de ir tão longe, qual incenso queimava naquela igreja, nem que abominável paródia dos sacros mistérios era representada pelos demónios. Quarenta desses duendes, trepados na velha galeria que outrora sustentara o órgão da catedral, tinham nas mãos gaitas-de-foles escocesas de diversos tamanhos. Um enorme gato preto, sentado num trono composto de uma dúzia desses senhores, marcava o ritmo por um miado prolongado. A sinfonia infernal fazia tremer o que ainda sobrava das abóbadas semidestruídas, caindo de vez em quando alguns cacos das pedras esfaceladas. Em meio a esse tumulto havia bonitas *skelpies* ajoelhadas; vocês confundi-las-iam com virgens sedutoras se a cauda demoníaca não levantasse a barra dos seus vestidos brancos; e mais de cinquenta *skelpies*, de asas abertas ou fechadas, dançando ou repousando. Nos nichos dos santos, simetricamente dispostos em torno da nave, havia caixões abertos, nos quais a morte, sobre a mortalha branca, aparecia levando na mão o círio funerário. Quanto às relíquias suspensas, no adro, não me deterei em descrevê-las. Todos os crimes cometidos na Escócia nos últimos vinte anos lá estavam, tendo contribuído para adornar a igreja agora entregue aos demónios. Vocês veriam a corda do enforcado, a faca do assassino, o remanescente horripilante do aborto e os vestígios do incesto. Veriam corações de celerados enegrecidos pelo vício, e cabelos brancos paternos ainda suspensos na lâmina do punhal parricida. Muirland parou, virou-se; a figura companheira da sua viagem não tinha saído do lugar. Um dos monstros encarregados do serviço infernal pegou-o pela mão; ele deixou-se levar. Conduziram-no ao altar. Ele seguiu o seu guia. Estava domesticado. A sua força abandonara-o. Todos se ajoelharam, ele ajoelhou-se; cantaram hinos esquisitos, ele não ouviu nada; ali ficou, perplexo, petrificado, à

espera do seu destino.

Enquanto isso, os cantos infernais iam ficando mais barulhentos; os *spunkies* encarregados do corpo de baile rodopiavam mais depressa na sua ronda infernal; as gaitas-de-foles uivavam, mugiam, urravam e assobiavam com uma veemência desconhecida. Muirland virou a cabeça para examinar aquele ombro fatal que um hóspede incómodo elegera como domicílio.

"Ah!", gritou, dando um longo suspiro de satisfação. A cabeça tinha desaparecido.

Mas, quando os seus olhos ofuscados e perdidos se fixaram nos objectos que o cercavam, ficou muito espantado ao encontrar perto de si, ajoelhada sobre um caixão, uma jovem cujo rosto era o mesmo do fantasma que o perseguira. Uma camisinha de fino linho cinza mal descia até o meio das suas coxas. Percebia-se um colo encantador, ombros brancos, sobre os quais rolavam cabelos louros, um seio virginal, cuja beleza era revelada pela leveza da vestimenta. Muirland ficou comovido; aquelas formas tão graciosas e delicadas contrastavam com todas as aparições medonhas que o cercavam. O esqueleto que parodiava a missa pegou com seus dedos ganchudos a mão de Muirland e uniu-a à da moça. Então, Muirland teve a sensação de que no aperto de mão dessa estranha noiva havia a mordida fria que o povo atribui às garras de aço do *spunkie*. Foi demais para ele: fechou os olhos e sentiu que ia desfalecer. Semivencido por um desmaio que ele combatia, teve a impressão de que mãos infernais o punham de novo montado na jumenta fiel que o esperava na porta da catedral; mas essas percepções eram obscuras, e as suas sensações, vagas.

Uma noite assim, como bem se imagina, deixou marcas no nosso fazendeiro; ele acordou como quem acorda depois de uma letargia, e ficou muito surpreso ao saber que uns dias antes tinha se casado, que desde a noite do Hallowe'en fizera uma viagem pelas montanhas, e de lá trouxera uma jovem esposa, a qual, na verdade, estava a seu lado no velho leito da sua fazenda.

Esfregou os olhos e imaginou estar a sonhar, depois quis contemplar aquela que escolhera sem nem desconfiar de nada, e que tinha se tornado mistress Muirland. Era de manhã. Que linda moça! Que luz suave ondulava naqueles olhares prolongados! Que brilho nos seus olhos! Mas Muirland estava impressionado com o estranho clarão que emanava desses mesmos olhares. Aproximou-se. Coisa estranha! A sua mulher, pelo menos foi o que pensou, não tinha pálpebras; grandes órbitas de um azul-escuro desenhavam-se sob o arco preto da sobrancelha, cuja curva era admiravelmente leve. Muirland suspirou; de súbito, surgiu na sua frente a vaga lembrança do *spunkie*, da sua corrida noturna e das terríveis núpcias na catedral.

Ao examinar mais de perto a sua nova esposa, observou que ela possuía todos as características daquele ser sobrenatural, mal-e-mal modificadas e como que suavizadas. Os dedos da moça eram compridos e finos, as suas unhas, brancas e afiadas; a cabeleira loura ia até o chão. Ficou absorto num profundo devaneio: no entanto, todos os seus vizinhos lhe disseram que a família de sua mulher morava nas Highlands, que logo depois das núpcias ele fora vítima de uma febre

altíssima, que não era de espantar se toda a lembrança da cerimónia tivesse se apagado do seu espírito doente, mas que logo se entenderia melhor com a sua mulher, que era bonita, doce e boa dona-de-casa.

"Mas ela não tem pálpebras!", exclamou Muirland.

Riram na cara dele, alegraram que a febre ainda o perseguia; ninguém, a não ser o fazendeiro, notava essa estranha particularidade.

Veio a noite: para Muirland era a noite de núpcias, pois até aquele momento só era casado nominalmente. A beleza da sua mulher comovera-o, embora, para ele, a moça não tivesse pálpebras. Portanto, prometeu enfrentar resoluto o próprio terror, e, quando nada, aproveitar o presente singular que o céu ou o inferno lhe enviava. Aqui pedimos ao leitor que nos conceda todos os privilégios do romance e da história, e que passemos rapidamente sobre os primeiros factos dessa noite; não diremos quanto a bela Spellie (era o nome dela) estava mais bonita ainda vestida para a noite.

Muirland acordou, sonhando que uma súbita luz do sol iluminava o quarto baixo onde estava o leito nupcial. Ofuscado por aqueles raios escaldantes, levanta-se num pulo e vê os olhos resplandecentes da sua mulher carinhosamente fixados nele.

"Diabo!", exclamou, "meu sono, de facto, é uma injúria à sua beleza!" Assim, espantou o sono e disse a Spellie mil coisas gentis e meigas às quais a jovem das montanhas respondeu da melhor maneira possível. Até de manhã Spellie não tinha dormido.

"E, de facto, como dormiria", perguntava-se Muirland, "se não tem pálpebras?" E o seu pobre espírito voltava a cair num abismo de meditações e temores. O sol nasceu. Muirland estava pálido e abatido; a fazendeira tinha os olhos mais brilhantes do que nunca. Passaram a manhã passeando pela beira do Doon. A jovem esposa era tão bonita que o seu marido, apesar da surpresa e da febre que o acometia, não pôde contemplá-la sem admiração.

"Jock", disse-lhe ela, "gosto tanto de você como você gostava de Tuilzie; todas as moças das redondezas têm inveja de mim: portanto, preste atenção, meu amigo, serei ciumenta, e vigiá-lo-ei de perto."

Os beijos de Muirland interromperam essas palavras; mas as noites sucederam-se e no meio de cada noite os olhos deslumbrantes de Spellie arrancavam o fazendeiro do seu sono; a força do fazendeiro ia murchando.

"Mas, minha cara amiga", perguntou Jock à mulher, "você não dorme nunca?"

"Dormir, eu?"

"É, dormir! Parece-me que desde que estamos casados você não dormiu nem um momento."

"Na minha família nunca dormimos."

As órbitas azuladas da moça derramavam raios mais brilhantes.

"Ela não dorme!", exclamou o fazendeiro, desesperado. "Ela não dorme!" Caiu exausto e apavorado em cima do travesseiro.

"Ela não tem pálpebras, ela não dorme!", repetiu.

"Não me canso de olhar para você", Spellie recomeçou, "e vigiá-lo-ei de mais perto." Pobre Muirland! Os lindos olhos da sua mulher não lhe davam sossego; eram, como dizem os poetas, astros eternamente iluminados para ofuscá-lo. No cantão fizeram mais de trinta baladas dedicadas aos belos olhos de Spellie.

Quanto a Muirland, um belo dia desapareceu. Três meses se passaram; o suplício que o fazendeiro enfrentara arruinou a sua vida, devorou o seu sangue; parecia-lhe que aquele olhar de fogo o queimava. Se voltava dos campos, se ficava em casa, se ia à igreja, sempre aquele raio terrível, cuja presença e cujo brilho penetravam até o fundo de seu ser e o faziam estremecer de horror. Acabou detestando o sol, fugindo do dia. O mesmo suplício que a pobre Tuilzie tinha sofrido agora era o seu; em vez da inquietação moral que os homens chamam de ciúme e que, durante o primeiro casamento, o havia transformado em carrasco da moça, via-se submetido à inquisição física e inelutável de um olho que nunca se fechava: era de novo o ciúme, mas transformado em imagem palpável, uma inquisição que se tornara permanente. Deixou a sua fazenda, abandonou as terras; cruzou o mar e embrenhou-se nas florestas da América do Norte, onde muita gente do seu país tinha fundado cidades e construído casas acolhedoras. As savanas do Ohio ofereciam-lhe um asilo garantido, era o que ele imaginava: preferia a pobreza, a vida de colono, a cobra escondida nos arbustos cerrados, uma alimentação selvagem, grosseira e incerta, ao seu tecto escocês, sob o qual reluzia o olho ciumento e sempre aberto, para seu tormento. Depois de passar um ano nessa solidão, terminou abençoando o destino: pelo menos encontrara o sossego naquela natureza fecunda. Não mantinha nenhuma correspondência com a Grã-Bretanha, temendo ter notícias da sua mulher; às vezes em sonhos ainda via aquele olho aberto, aquele olho sem pálpebra, e acordava sobressaltado; verificava que a pupila vigilante e terrível não estava perto dele, não o penetrava, não o devorava com a sua claridade insuportável, e voltava a dormir, feliz.

Os Narragansetts, tribo que vivia na região, tinham escolhido como *sachem*, ou chefe, Massasoit, um ancião doentio cujo temperamento era pacífico, e cuja benevolência Jock Muirland conquistou dando-lhe aguardente de trigo que sabia destilar. Massasoit caiu doente, e o seu amigo Muirland foi visitá-lo na cabana. Imaginem um *wigwam* indígena, a cabana ponteaguda, com um buraco para deixar sair a fumaça; no meio desse pobre palácio, um fogo em brasas; sobre peles de búfalo, estendidas na terra, o velho chefe, doente; em torno dele os principais caciques da área, gritando, berrando, e fazendo uma barulheira que, longe de curar o doente, adoeceria um homem em boa saúde. Um *powan*, ou médico indígena, regia o coro e a dança lúgubres; o eco reverberava com o barulho dessa estranha cerimônia: eram as preces públicas oferecidas às divindades da tribo.

Seis moças massageavam os membros nus e frios do ancião: uma delas, com apenas dezasseis anos, chorava enquanto executava essa tarefa. O bom senso do escocês logo o levou a entender que todo aquele aparato médico só levaria à morte de Massasoit; na sua qualidade de europeu e branco ele passava por médico nato. Aproveitou a autoridade conferida pelo título, mandou sair os homens que berravam e aproximou-se do *sachem*.

"Quem vem para perto de mim?", perguntou o ancião. "Jock, o homem branco!"

"Ah! ", falou o *sachem* dando-lhe a sua mão esquelética, "não nos veremos mais, Jock!" Embora tivesse poucos conhecimentos de medicina, Jock não custou a perceber que o nosso *sachem* tinha simplesmente uma indigestão: socorreu-o, mandou que se calassem em volta dele, pô-lo em dieta, depois fez uma excelente sopa escocesa que o velho engoliu à guisa de remédio. Em suma, em três dias Massasoit tinha voltado à vida; os uivos dos nossos índios e as suas danças recomeçaram, mas agora esses hinos selvagens só expressavam a gratidão e a alegria. Massasoit fez Jock sentar-se dentro da sua cabana, deu-lhe para fumar o seu cachimbo da paz, apresentou-lhe a sua filha, Anauket, a mais moça e mais bonita daquelas que Muirland tinha visto na cabana.

"Você não tem *squaw*", disse-lhe o velho guerreiro. "Tome minha filha e honre os meus cabelos brancos."

Jock estremeceu; lembrou-se de Tuilzie e de Spellie, e de que tinha se dado tão mal no casamento.

A jovem *squaw*, porém, era meiga, ingénua, obediente. Um casamento no deserto é cercado de bem poucas cerimónias: são ínfimas as consequências funestas para um europeu. Jock conformou-se, e a bela Anauket não lhe deu nenhum motivo para se arrepender da escolha.

Um dia, era o oitavo desde a união dos dois, ele e ela, numa bela manhã de Outono, foram remar no rio Ohio. Jock havia levado a sua espingarda de caça. Anauket, acostumada com essas expedições que compõem toda a vida selvagem, ajudava e servia o seu marido. O tempo estava esplêndido; as margens desse belo rio ofereciam aos amantes panoramas maravilhosos. Jock tinha feito uma boa caça. Uma galinha d'angola de asas deslumbrantes chamou a sua atenção; mirou-a, feriu-a, e a ave, atingida mortalmente, ia caindo, gemendo, nos balcedos. Muirland não queria perder uma presa tão bonita; atracou o barco e correu à procura do fruto da sua conquista. Tinha batido sem resultado vários bosques, e a sua obstinação de escocês afundava-o e embrenhava cada vez mais na mata fechada. Logo se viu cercado por árvores seculares e no meio de uma dessas clareiras de vegetação natural que encontramos nas florestas da América, quando uma luz atravessou a folhagem e o alcançou. Jock estremeceu: aquele raio queimava-o; aquela luz insuportável obrigava-o a baixar os olhos.

O olho sem pálpebra estava lá, vigilante e eterno.

Spellie tinha atravessado o mar; tinha encontrado a pista do seu marido, e seguia os seus

passos; tinha cumprido a palavra, e o seu terrível ciúme já esmagava Muirland com justas reprimendas. Ele correu para a praia, perseguido pelo olho sem pálpebra, viu a onda clara e pura do Ohio, e ali se atirou, aterrorizado. Foi esse o fim de Jock Muirland; está consagrado numa lenda escocesa, que mulheres contam à sua maneira. Afirmam que é uma alegoria, e que o olho sem pálpebra é o olho sempre aberto da mulher ciumenta, o mais terrível dos suplícios.

Tradução de Rosa Freire D'Aguiar.

Retirado da colectânea “Contos Fantásticos do século XIX”, seleccionada por Ítalo Calvino.

Encontre mais e-books na secção Biblioteca do Esquerda.net